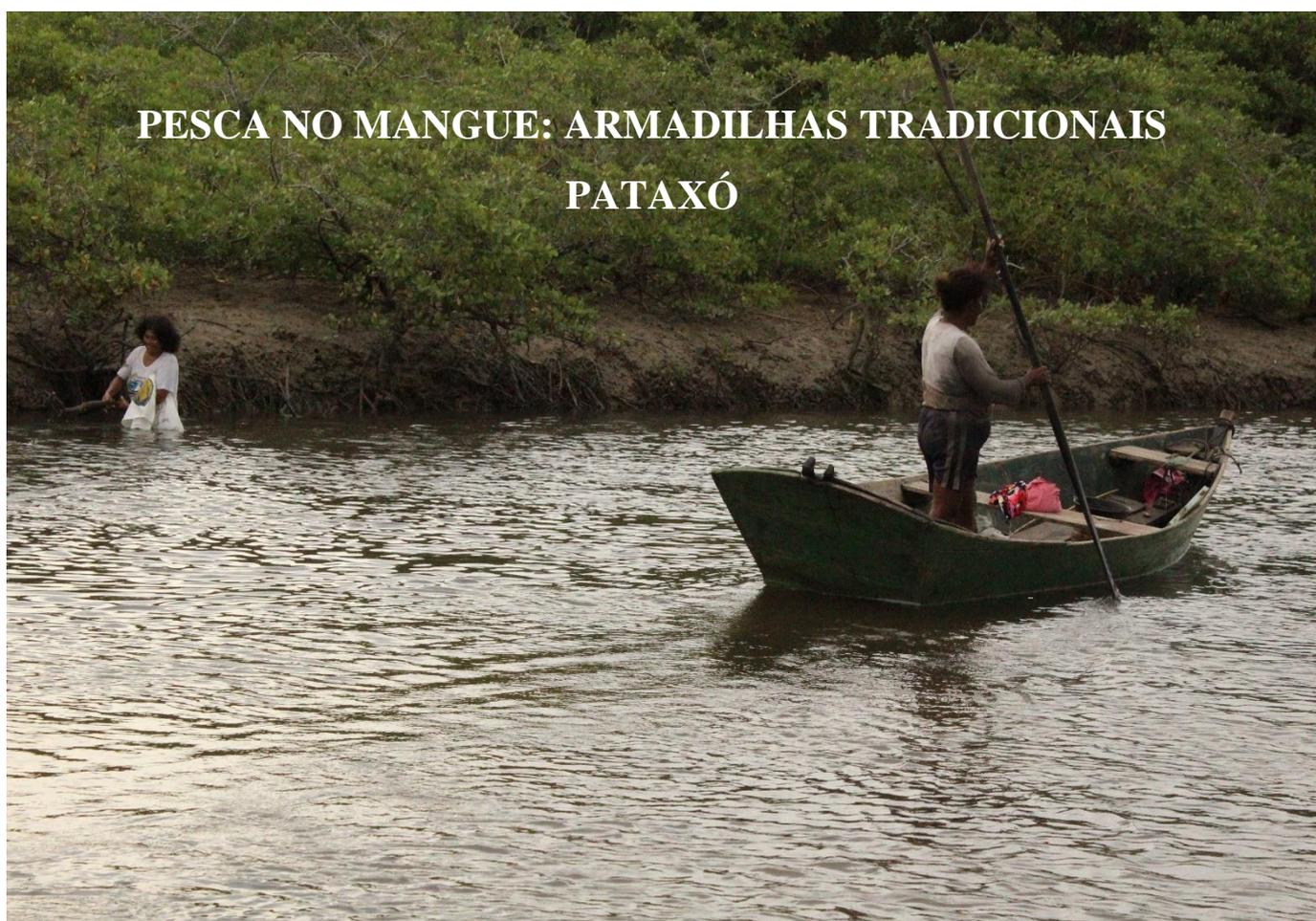




**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Faculdade de Educação**  
**Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas**

**Karini Ferreira do Nascimento**



**BELO HORIZONTE – MG**

**2018**

**Karini Ferreira do Nascimento**

**PESCA NO MANGUE: ARMADILHAS TRADICIONAIS PATAXÓ**

Trabalho de conclusão de Percurso Acadêmico apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Matemática, pelo Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas - FIEI.

Orientadora: Marina de Lima Tavares

Coorientador: Célio da Silveira Júnior

BELO HORIZONTE – MG

2018

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente venho agradecer a Deus por ter mim dado todas as condições de poder finalizar este trabalho.

A minha família esposo, Hudson e filho Itxerewi, meu querido pai Adilson Nascimento Ponsada e minha mãe que sempre me incentivaram a cumprir com este trajeto, a meus irmãos Luan, Iruan, as minhas irmãs Anaian, Jitiná por terem cuidado do meu filho na minha ausência, com o apoio de todos cheguei na reta final trabalho.

Agradeço aquelas pessoas se disponibilizaram na elaboração desta monografia, dando entrevistas, a minha Aldeia Mãe Barra Velha, às lideranças e cacique que não deixaram de estar presente nesta jornada.

Não chegaria a este ponto sem orientação, venho agradecer também a pessoas especiais como a minha orientadora Marina de Lima Tavares e coorientador Célio da Silveira Junior, pois me trouxeram grandes contribuições nesta jornada. As minhas amigas-irmãs Vislandes, Camila, Graziane que em um bom tempo fora da aldeia, longe das nossas famílias estávamos unidas, aos meus colegas da turma da matemática Pataxó, Pataxó Hã Hã Hãe, Maxakali, Guarani e Xakriabá, pois juntos estávamos ali em cada momento.

Deixo meus sinceros agradecimentos aos professores do FIEI em especial os docentes e bolsistas que passaram pela Habilitação Matemática e secretária.

## RESUMO

Este trabalho é o registro da pesquisa de percurso acadêmico realizado sobre a pesca no mangue, visando as armadilhas tradicionais do povo Pataxó da Aldeia Barra Velha. A pesquisa procurou relatar a história dos Pataxó, suas práticas culturais no mangue, como ponto específico, as técnicas em lidar no mangue e armadilhas tradicionais construídas de cipó, por exemplo. Faço um levantamento de algumas armadilhas tradicionais consideradas antigas para o povo Pataxó; as mesmas foram criadas por pessoas da comunidade. O surgimento dessas armadilhas ocorreu no tempo em que a sobrevivência dos Pataxó de Barra Velha dependia muito do mangue. Nesta pesquisa foi abordada a importância do mangue para o povo Pataxó, que atualmente é uma área de preservação do IBAMA, pois está localizada dentro do Parque Nacional, mesmo assim nele está contido e carrega a história deste povo. Nesta pesquisa obtive conhecimentos profundos sobre as armadilhas tradicionais dos Pataxó da aldeia Barra Velha, conhecia por nome, também ouvia dizer das mesmas, porém não entendia como eram manuseadas, como eram construídas e nem em que tempo se usava, por exemplo. Além disso, pude me aproximar mais de algumas pessoas, ou seja, de alguns dos meus entrevistados. Para a minha futura atuação como educadora indígena, este trabalho será de grande importância, pois será levado ao conhecimento de alunos nas escolas Pataxó e outras pessoas, para que todos possam saber dos costumes e que valorizem cada vez mais as tradições dos nossos velhos guerreiros.

**Palavras-chave:** Pesca; Mangue; Armadilhas; Educação Indígena; Povo Pataxó.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa terra indígena Pataxó destaque para Barra Velha.....	06
Figura 2 – Mangue Aldeia Barra Velha.....	08
Figura 3 – Mangue Aldeia Barra Velha.....	09
Figura 4 – Bicheiro para pesca.....	10
Figura 5 – Mikay (Facão).....	11
Figura 6 – Rede de pesca.....	11
Figura 7 – Ritual Dawê Mayõ Ixê.....	18
Figura 8 – Preparação do beiju.....	19
Figura 9 – Beiju.....	19
Figura 10 – Peixe na folha da patioba.....	20
Figura 11 – Preparação da paçoca.....	20
Figura 12 – Famílias usufruindo do mangue.....	21
Figura 13 – Desenho ilustrativo da armadilha Camboa.....	29
Figura 14 – Armadilha Apuçá ou siripóia.....	30
Figura 15 – Bicheiro utilizado para capturar siri.....	31
Figura 16 – Desenho ilustrativo siripóia com siri.....	32
Figura 17 – Armadilha Manzuá.....	33
Figura 18 – Armadilha manzuá parte por onde o peixe entra.....	34
Figura 19 – Desenho ilustrativo do aratu.....	35
Figura 20 – Desenho ilustrativo aratu agarrado ao pano vermelho.....	36
Figura 21 – Pesca Bater Raíz.....	37
Figura 22 – Pesca Bater Raíz.....	37
Figura 23 – Fio extraído da folha do tucum.....	38
Figura 24 – Momento aprendizagem.....	41

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
1.1 – Aldeia Mãe Barra Velha.....	06
1.2 – Justificativa.....	13
1.3 – Objetivos.....	15
1.4 – Metodologia.....	16
<b>CAPÍTULO 2 – A IMPORTÂNCIA DO MANGUE.....</b>	<b>17</b>
2.1 – A importância do mangue na parte cultural.....	18
2.2 – A importância do mangue na parte biológica.....	21
<b>CAPÍTULO 3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>24</b>
3.1 – Introdução.....	24
3.2 – Perfil dos entrevistados.....	26
3.3 – Apresentação das armadilhas.....	28
3.3.1 – CAMBOA.....	28
3.3.2 – PESCA COM APUÇÁ.....	30
3.3.3 – PESCA COM MANZUÁ.....	33
3.3.4 – PESCA COM PANO VERMELHO.....	34
3.3.5 – BATER RAIZ.....	36
3.3.6 – REDE DE TUCUM.....	38
<b>CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>43</b>
APÊNDICE A: CONVERSA COM MANOEL MAXIMO ANCIÃO.....	43
APÊNDICE B: ENTREVISTA COM ARAWÊ (ANTÔNIO).....	45
APÊNDICE C: ENTREVISTANDO JOVENS.....	48

## CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

### 1.1 - Aldeia Mãe Barra Velha

O povo Pataxó foi um dos primeiros povos a ter contato com não indígenas, há 517 anos, mesmo com esse contato, essa mistura violenta de povos, não deixamos de lutar, para manter o nosso povo e a nossa história viva. Ainda hoje, somos reconhecidos, pois temos grandes habilidades, principalmente em nos manter vivos, nos deparamos em muitas situações que achamos que não iria resistir, uma delas foi quando tentaram o extermínio em 1951 conhecidos como o “fogo de 51”, foi resistente, e podemos dizer que continuaremos sendo. Além disso, tem a conquista pelo território que desde 1940, aproximadamente, até os dias de hoje, estamos correndo atrás, para a conquista de ter o território demarcado, neste meio tempo, tiveram pessoas que tentaram mudar o nome da aldeia Barra Velha (figura 1) para Belo Jardim, mas não conseguiram.

**Figura 1:** Mapa terra indígena Pataxó, com destaque para Barra Velha



Fonte: Imagem retirada da internet

O órgão que era responsável pelos povos indígenas era o SPI (Serviço de Proteção ao Índio), hoje foi mudado para a FUNAI (Fundação Nacional do Índio). A grande conquista é ter como demarcado o Parque Nacional do Monte Pascoal, pois é um património histórico nosso, onde “nasceu” o nosso povo. Em 1943, a área passou a ser protegida com o nome monumento Monte Pascoal, transformada em Parque Nacional no ano de 1961. A área do parque é compartilhada com a reserva indígena, território dos Pataxó com 8.600 hectares. Um dos aspectos naturais do parque é a praia da Aldeia Barra Velha, de águas cristalinas e praias pluviais, dos rios Caraíva e Corumbau. Há uma vasta vegetação nacional no parque e inúmeras espécies de animais, abriga a mata atlântica, alagados e mangues.

Barra Velha antigamente era formada por poucas famílias, naquele tempo havia poucas fontes de sobrevivência, como: pesca, agricultura e artesanato, geralmente cada família tinha suas habilidades a desenvolver alguma dessas atividades. Cada ato realizado na aldeia, tinha e ainda tem seu tempo, como na colheita, pesca, plantio e outros, nas fases de lua ou maré. Alguns se adaptavam e adaptam melhor na pesca (mares, lagos, mangues...) outros na agricultura ou artesanato. Ao passar dos tempos, veio algumas mudanças, com essas mudanças as práticas de sobrevivência evoluíram e com essa evolução foi meio que deixado de lado algumas dessas atividades.

A agricultura tinha muito apoio da FUNAI (Fundação Nacional do índio), eram doadas para as famílias usarem sementes, adubo, calcário, ferramentas (facão, foice, enxada), forno, motor para ralar mandioca e etc. Hoje, pouquíssimas famílias realizam atividades frequente na roça.

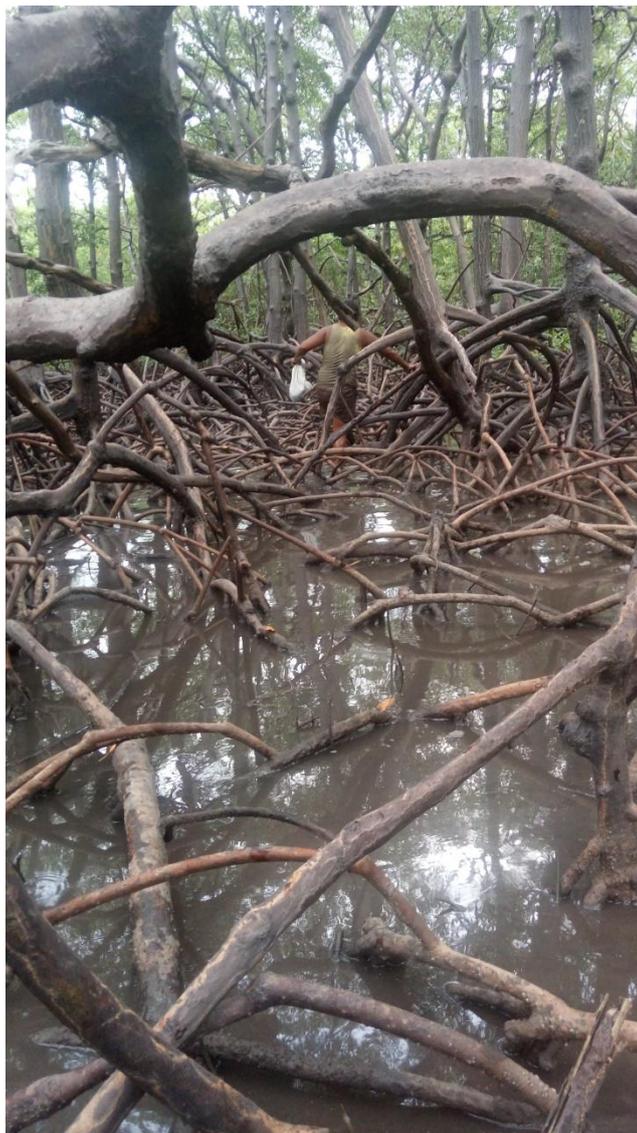
Os artesanatos são confecções feitos de madeira, sementes, tabocas, casco de tartaruga, chifre de boi e outros, que o povo aprende confeccionar desde criança. Os artesanatos de sementes é uma das principais fontes de renda das famílias, no verão ao vender, tira muito proveito nas praias de Caraíva, Corumbau e lugares distantes.

Atualmente, muitas pessoas têm seu sustento de cargos vinculados a órgãos públicos como SESAI, FUNAI, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, outros autônomos. Com a entrada desses bens e de outros meios que veio para a comunidade, a população vem deixando de lado a tradição antiga acompanhando e se adaptando no mundo que evolui.

A pesca desde então, que era feita por várias famílias, atualmente também teve suas modificações, antes eram realizadas através do conhecimento tradicional, e pouquíssimas vezes se encontravam objetos de pesca que não eram próprios do povo.

Uma das tradições que deixou de ser bastante realizada foi a pesca no mangue com armadilhas ou conhecimento tradicional. As pessoas iam ao mangue para suprir suas necessidades, cada um se virava como podia, atualmente é raro encontrar famílias que dependem do mangue, vemos alguns pais de família que vão mais por lazer (figuras 2 e 3).

**Figura 2:** Mangue Aldeia Barra Velha



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

**Figura 3:** Mangue Aldeia Barra Velha



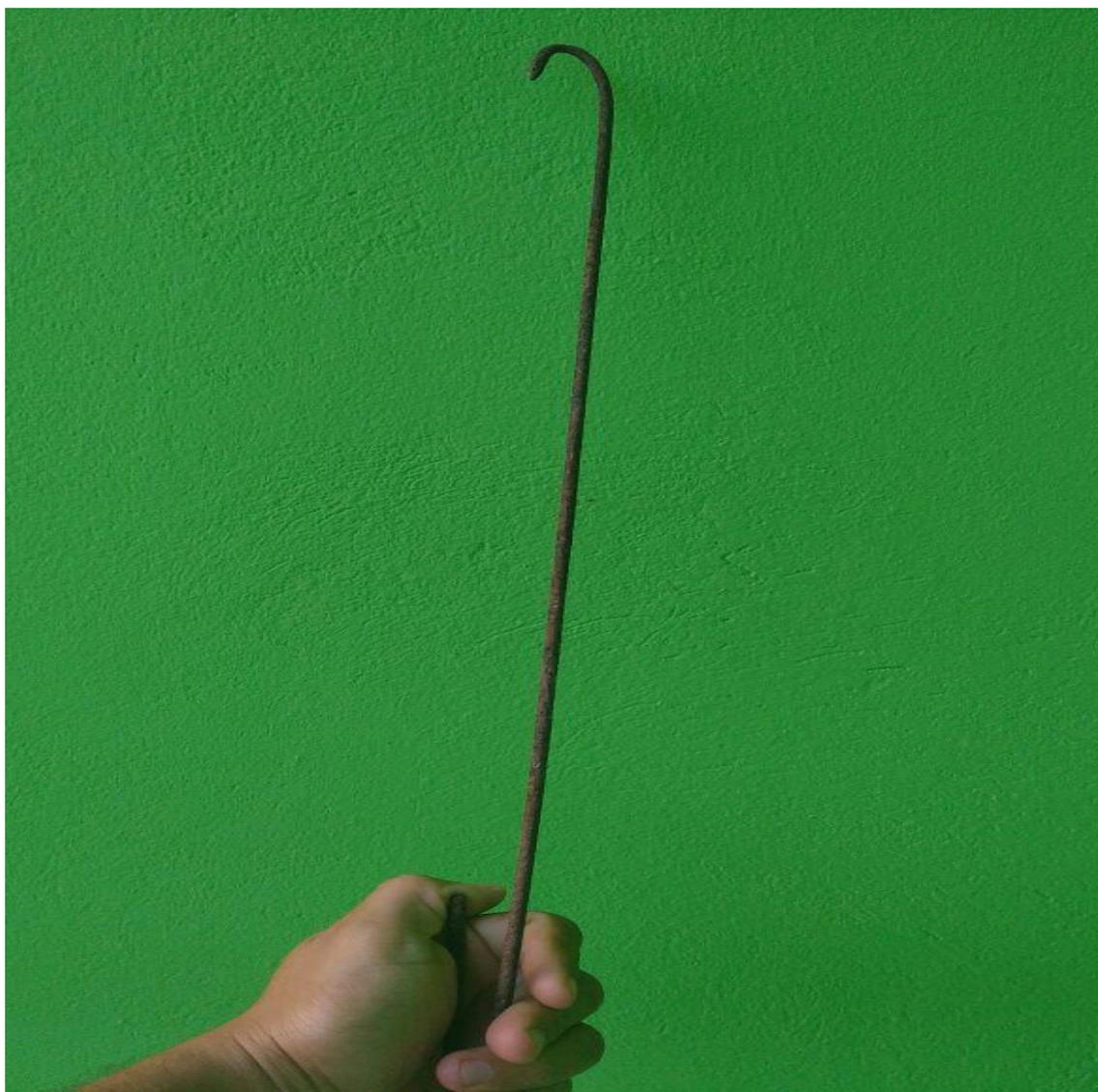
**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

Para pegar algum tipo de marisco no mangue, tinha que saber a hora certa, lua certa, maré e o material a ser usado, pois dali teria o resultado da pesca. Anos atrás, as armadilhas do povo Pataxó bastante usada na pesca eram feitas de madeira, cipó, linha de tucum, pano vermelho e outros, cada armadilha para cada tipo de marisco e peixe.

Os conhecimentos tradicionais que temos do mangue vêm dos nossos anciãos que têm o prazer em transmitir para os jovens o que sabem. Há jovens que não conhecem, mas quando passam a conhecer às vezes o interesse de colocar em prática se torna maior, também pode não acontecer em usar um material tradicional e prefere está com anzol, Nylon ou rede, por exemplo.

A pesca no mangue é uma prática que há muitos anos o povo Pataxó realiza, mas no decorrer dos tempos a maneira como eram feitos não se vê mais como antes. Hoje já é utilizado materiais vindos de fora, que se encontra facilmente como: facão, bicheiro e rede (Figuras 4, 5 e 6). Antigamente as armadilhas eram com esses materiais: ripas, linha da palha do tucum, cipó, embira, fita vermelha e outros. As condições de comprar um instrumento de pesca rede de Nylon, por exemplo, eram precárias.

**Figura 4:** Bicheiro para pesca



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

**Figura 5:** MIKAY (Facão)



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

**Figura 6:** Rede de pesca



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

Neste trabalho de pesquisa, meu foco será sobre a pesca no mangue com armadilhas tradicionais da Aldeia de Barra Velha, histórias vividas vindo do conhecimento tradicional dos mais velhos da aldeia, ou seja, daqueles que se encontram na aldeia e aos que passaram

deixando seus conhecimentos, algumas práticas no mangue com armadilhas passaram por mudanças ou são irreconhecíveis e algumas não existem mais.

## 1.2 – Justificativa

Eu, Karini Ferreira do Nascimento, moro na Aldeia Mãe Barra Velha, nasci e cresci na aldeia, tenho 23 anos. Desde cedo busco entender um pouco da história do meu povo, em conhecer um pouco das lutas e resistência que tiveram, também conhecer as tradições e cultura dos Pataxó. Este trabalho veio como oportunidade em conhecer os costumes e registrar conhecimento da pesca no mangue com as armadilhas antigas tradicionais.

O que me levou a realizar esta pesquisa com o tema Pesca no mangue, foi por viver na aldeia, por saber um pouco de algumas práticas realizadas no mangue. Com isso despertou-me o interesse em aprofundar mais no conhecimento tradicional, pois vejo o quanto é importante o mangue para nós Pataxó. O contato frequente que algumas pessoas têm com o mangue, ou seja, a fonte de sobrevivência, as práticas do povo Pataxó em capturar mariscos com armadilhas tradicionais; aquelas que não são conhecidas, mas que um dia foi muito utilizado; e as que estão deixando de ser praticadas. Também o contato frequente da comunidade de Barra Velha no mangue. Passar saber das histórias de sobrevivência e resistência que os nossos parentes tiveram e vem tendo desde muito tempo é de grande valor.

Neste trabalho vou entender por que a sobrevivência diretamente do mangue ficou meio que de lado, para isso vou a procura do ponto de vista de algumas pessoas da Aldeia de Barra Velha e saber também do que falam sobre a facilidade de pegar um marisco atualmente, usando um material vindo de fora da aldeia e não um tradicional.

Com o passar dos tempos muitas coisas mudaram em relação à pesca no mangue, antigamente as pessoas faziam suas pescarias sem objetos que se usam nos tempos atuais como anzol, bicheiro, linha, rede, facão, machado e outros. Como e com quais armadilhas eram retirados os mariscos? Porque hoje não se vê como antes a pesca tradicional?

Para eu viver uma pesca no mangue quero observar e até mesmo praticar algumas das modalidades no local com pessoas que tenham conhecimento do assunto (mulheres, jovens e etc.). Com os anciãos quero registrar algumas demonstrações em suas casas por não estarem em condições físicas para ir ao mangue mostrar o que sabem.

Esta pesquisa veio como desafio, com ela irei buscar conhecimento e levar a comunidade, até mesmo aquelas pessoas que tem curiosidade em saber das tradições e cultura do povo Pataxó.

Espero que esta pesquisa seja trabalhada como material didático em sala de aula, nas disciplinas de cultura, de artes, ciências e que assim nossas crianças conheçam as grandes habilidades que nossos guerreiros criaram.

### **1.3 – Objetivos**

#### **Geral**

Relatar a história dos Pataxó, suas práticas culturais no mangue, em especial, as armadilhas tradicionais e as técnicas em lidar com elas para a pesca no mangue.

#### **Específicos**

- Conhecer as armadilhas
- Acompanhar e participar da construção de armadilhas
- Acessar conhecimentos da comunidade sobre a importância do mangue para as práticas cotidianas e para os rituais

## 1.4 – Metodologia

Este trabalho tem como método pesquisar a pesca no mangue, dentro do território dos Pataxó de Barra Velha. Foram entrevistadas quatro pessoas que viveram ou vivem da pesca no mangue. Os entrevistados foram jovens e anciãos da aldeia Barra Velha, ou seja, aqueles que têm o conhecimento da pesca e habilidades relacionadas com o mangue, também tive conversas com algumas pessoas que em alguns momentos citou tal pesca ou armadilha.

As entrevistas foram registradas através de gravações em áudio e vídeo, com a autorização dos entrevistados que sabiam o motivo da pesquisa.

Com os entrevistados mais novos, foram pesquisadas algumas práticas de pesca no mangue, eles falaram das práticas que seus familiares conheciam e que carregam esse conhecimento até hoje. Nas entrevistas com os anciãos foram relatadas as armadilhas antigas tradicionais, falaram como são utilizados e qual objetivo de cada uma.

As entrevistas não foram realizadas através de questionário, más sim através de diálogos com os entrevistados para obter uma resposta para o trabalho.

Foram registradas em fotografias algumas armadilhas e outras em desenhos, fotografias de mariscos e peixes do mangue.

Ao observar a construção de uma das armadilhas, até que parecia ser fácil, pois via ali uma facilidade e agilidade no momento de cada traço, porém quando peguei o material para fazer cheguei a conclusão que era necessária bastante atenção, caso houvesse erros na construção da armadilha, dificultava na hora da pesca. Neste trajeto recebi um convite para ir ao mangue pegar tainha, foi de dia, também é realizado a noite, depende muito da maré. Para esta pesca utilizamos a técnica de pesca bater raiz, foram horas de aprendizagem, diversão, foi cansativo, mas valeu muito a pena. Presenciei e vivenciei de perto cada detalhe dos dois momentos.

## **CAPÍTULO 2 – A IMPORTÂNCIA DO MANGUE**

O mangue que fica situado na área dos Pataxó de Barra velha, tem os nomes que são conhecidos pela maioria das pessoas desta região como, mangue do coqueiro, mangue do Joao Carreiro, mangue baguera de baixo, mangue baguera de cima, mangue das bomba, mangue do Rogério, mangue do buraco do avião e outros. Esses nomes foram dados pelos mais velhos e são conhecidos há muito tempo. Segundo as pessoas que mariscam, alguns mangues são melhores que outros.

Neste capítulo apresento inicialmente, no tópico 2.1, alguns usos do mangue pelos Pataxó, são eles, ida ao mangue para lazer e o ritual da lua cheia. Para este ritual a escola toma frente dos preparativos, cada série junto com professores tem seu dever a cumprir, correndo atrás dos alimentos que serão servidos a noite. Em seguida, no tópico 2.2., apresento a importância biológica do mangue, alguns impactos causados pelo homem em mangues do território de Barra Velha e iniciativas da comunidade para preservar este ambiente.

## 2.1 – A importância do mangue na parte cultural

O mangue é importante para a vida cotidiana dos Pataxó que vão ao mangue pescar peixe e mariscar. Na andada do caranguejo (fenômeno no qual os animais saem dos seus abrigos), os Pataxó vão mais ao mangue nos meses de janeiro e fevereiro, geralmente na lua cheia. O Mangue é bastante visitado pelos alunos e professores, pois vão à procura de mariscos para comemorar o ritual da lua cheia Dawê Mayõ Ixê, que significa adeus lua nova para lua cheia (figura 7).

**Figura 7:** Ritual Dawê Mayõ Ixê



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

A ida ao mangue nos dias atuais não é tão frequente quanto antes, ou seja, não sobrevivemos diretamente dele. Hoje muitas pessoas vão à época de mariscos, (caranguejo, concha, siri, moreia e etc.), algumas conhecem e sabe lidar muito bem nele, outras pessoas não, más vão por curiosidades e até mesmo para conhecer e aprender. Uma situação como essa, acontece com crianças e adolescentes, pois aprendem com seus pais, irmãos mais

velhos e primos. Vemos isso quando os pais levam seus filhos para passar o dia nele, saboreando de dos mariscos.

Outro momento é quando tem o ritual da lua cheia na aldeia, realizado através da escola, onde estudantes e professores tem sua parte a contribuir. É distribuída uma tarefa a cada turma, exceto as crianças do ensino infantil. Os alunos do fundamental II e ensino médio são divididos por séries e realizam algumas atividades com professores para o ritual a noite, alguns assam peixes na folha da patioba, fazem cauim, chá, beiju, paçoca de aipim que são bebidas e comidas típicas do povo Pataxó (figura 8, 9, 10 e 11)

**Figura 8:** Preparação do beiju



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

**Figura 9:** Beiju



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

**Figura 10:** Peixe na folha da Patioba

**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

**Figura 11:** Preparação da Paçoca

**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

Há turmas também que realizam atividades na coleta de mariscos do mar e mangue, o mais encontrado nas pedras da praia é o ouriço, no mangue vão à procura de concha, lambreta, bugiã, tarioba, ostra, caranguejo, siri, e peixes como tainha, robalo e outros.

Já no mangue, além de professores e alunos, vão também pessoas da comunidade que ajudam na coleta de mariscos para o ritual. Nesse ambiente há um pouco mais de esforço, alguns alunos e a maioria dos professores sabem pegar mariscos, os que não sabem vão para aprender com seus professores. Algumas atividades são feitas à noite pelos homens, por aqueles que conhecem os locais dos mangues, vão redando, ou seja, com a rede aberta alguns homens segurando no fundo da rede e dos lados, eles puxam ela no rio prendendo os peixes, do lado contrário vem outros homens batendo raiz (fazendo barulho na água com um galho espantando os peixes), assim pegam peixe para assá-los na folha da patioba na noite do ritual.

Ato como esse acontece todo mês na aldeia Barra Velha, quando é noite de lua cheia e no dia 19 de abril.

## 2.2 - A importância do mangue na parte biológica

O mangue requer um papel importantíssimo na produção de peixes, moluscos e crustáceos, pois encontram as condições ideais para a reprodução, berçário, criadouro e abrigo para várias espécies de fauna aquática e terrestre. Ele também produz uma quantidade de alimento maior que o homem possa capturar do mar e representa significativa fonte de alimentos para a população humana. Este ambiente é muito valorizado pelas comunidades pesqueiras que vivem em seu entorno (FVMNR, s/d).

**Figura 12:** Famílias usufruindo do mangue



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

Quanto ao tipo de vegetação, os Pataxó percebem dois tipos de mangues: o mangue apicum é onde se encontra vegetação com gramíneas baixas, neste meio vemos as moradas de guaiamum e caranguejo; o mangue de raiz é caracterizado por ter mata grossa e ser enraizado (CARDOSO e PINHEIRO, 2012).

A vegetação do mangue serve para fixar as terras, impedindo assim a erosão. As raízes dos mangues constituem um importante banco genético para a recuperação de áreas degradadas.

Os impactos ambientais nas áreas de manguezal são afetados, na maioria das vezes, pelos aterros, desmatamento, queimadas, deposições de lixo, lançamento de esgoto, pesca predatória e outros (FVMNR, s/d).

No território dos Pataxó da Aldeia de Barra Velha há uma pequena aldeia dentro do território conhecida por Bugigão, foi dado este nome pelos primeiros moradores do lugar e por ele está próximo ao mangue. As famílias que moram ao redor, juntamente com a população de Barra Velha são as que usufruem da pesca, tanto do mar quanto do mangue. Nós moradores percebemos alguns impactos causados pelo homem, isso faz com que a vida dos seres aquático, terrestre e aves saia prejudicadas e até mesmo o ser humano. Os principais impactos causados neste local são desmatamentos, queimadas, deposições de lixo nas margens do rio e pesca predatória.

As deposições de lixo nas margens do rio possa ser que venha devido às pessoas que frequentam ele e a entrada de alguns resíduos prejudiciais para o meio, como plásticos, isopor, papel, garrafa pet, etc., isso acaba afetando os animais terrestres e aquáticos que necessita do mangue para sobreviver.

Como nos diz Guedes (2015), há famílias que praticam suas pescas do mar e mangue, a maioria delas tem apoio da Resex. A RESEX (Reserva Extrativista) é um meio de sustentabilidade, renda familiar, valores e de recursos naturais. É um órgão responsável pela vida marítima do extremo sul da Bahia, foi criada através do senhor Milton Deocleciano, considerado o principal condutor e seus irmãos no ano de 2000, que lutaram pelo território pesqueiro. O objetivo principal da RESEX foi impedir as frotas de embarcações que vinham de fora para explorar sem limites dos peixes e crustáceos do território. Para esta preservação houve diversas reuniões e lutas pela criação da RESEX; depois que surgiu a RESEX, muitos pesqueiros de lugares distantes foram impedidos de frequentar o local. Houve ainda medo por parte de algumas pessoas da região de serem impedidos de realizarem suas pescarias; depois de conversas e esclarecimento, perceberam que aquela ação seria melhor para os seres marítimos e pescadores.

Os participantes da Resex contam 7 associações e algumas comunidades tradicionais e indígenas dos municípios de Prado e Porto Seguro, de Prado desde de Jarapa, um pouco acima de Cumuruxatiba pelo litoral, Cumuruxatiba, Imbassuaba, Veleiro, Corumbau e no município de Porto Seguro a Aldeia barra Velha, a comunidade Bugigão, Caraíva e Espelho (GUEDES, 2015).

O envolvimento da comunidade e da escola para a preservação do mangue é muito importante para que os Pataxó sigam suas atividades de pesca e lazer neste ambiente. Conhecer, valorizar e realizar a pesca tradicional na comunidade pode ser um modo de gerar menos impacto nos ambientes de mangue da região.

No Território indígena de Barra Velha temos uma boa parte de manguezal, na parte onde há uma boa quantidade de mangue se localiza uma pequena aldeia que está bem próximo a ele, do outro lado do rio situa-se o Corumbau, região pesqueira que usa o mar como fonte de sobrevivência e o mangue. Com o crescimento da população nas comunidades ao redor do mangue, por exemplo, vemos o acúmulo de lixos nas margens rio e nos mangues.

No entanto, as prefeituras de Prado e Porto Seguro poderiam propor estratégias benéficas para o mangue nas escolas indígenas e não indígenas, as quais estão em volta das áreas dos manguezais, pensando com as escolas e com as comunidades, dando início em atividades voltadas para a preservação do meio ambiente, envolvendo todos, levando em consideração a importância que ele nos proporciona, através de reuniões e campanhas e a parti daí criar projetos, como por exemplo, o uso do lixo, reutilizando materiais recicláveis. O mangue é importante para todos desde a população nele contida, as populações ao redor, quanto para o povo Pataxó, pois contém nele uma grande história dos ancestrais.

## CAPÍTULO 3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 3.1 – Introdução

Com relação em conhecer as armadilhas, ouvi relatos delas, tanto dos entrevistados, quanto de algumas pessoas da comunidade que tem conhecimentos profundos sobre elas. Em relação aqueles que não foram meus entrevistados, passei a saber mais detalhes sobre tais armadilhas, em roda de conversa, às vezes em suas próprias casas, ou seja, em momentos de visitas. Em conversa com meus entrevistados, além do que eu ouvia a respeito de uma e outra armadilha tradicional, eles descreveram como eram, através de desenhos, neste caso dois anciãos desenharam no chão, no momento de cada traço, mais encantada e feliz fiquei por sentir que o conhecimento que eles tinham estava naquele momento me passando com todo entusiasmo.

Outro momento marcante no trajeto de pesquisa foi estar presente na construção de uma armadilha. Conversei com o ancião Manoel Máximo, da aldeia Pará (meu avô) a respeito do meu trabalho, ele já sabendo do que eu estava à procura, mim propôs ir a sua casa observar a construção de uma das armadilhas, pois estava fazendo para vender para um parente. No momento em que ele produzia mim contava histórias macabras ocorridas no mangue com parentes e até mesmo com ele. Também disse sobre uma técnica que sempre fazia era o da folha, ele jogava no rio uma folha, a folha fazendo algum movimento, de subir de rio para cima ou descer de rio a baixo, até mesmo ela estando parada, tirava dali uma conclusão que seria ou não o momento certo para pescar ou despescar, despescar é retirar a armadilha do rio, ou seja, do fim a pesca, ele fazia esta técnica quando ia ao mangue à noite, quando não levava nada para clarear.

O terceiro momento de aprendizagem não foi planejado e sim surpresa. Um dia quando eu estava no mangue com alguns familiares, pescando moreia, uma prima e outra pessoa estava no mangue realizando uma pesca (bater raiz), a qual eu pesquisava. Esta parente foi uma das que relatou sobre essa pesca em um outro momento, ali no mangue ela perguntou se eu e os outros que estavam comigo queria ajudá-la nesta atividade, como já estávamos cansados de pescar moreia fomos com eles bater raiz, ali pude entender melhor cada passo, do que fazer e do que não fazer na hora, é preciso silêncio ao armar a rede, apenas o barulho batendo na água, em um momento fui eu bater na água com um galho, na

primeira tentativa atrapalhei toda, meu olho enchia de água e meu braço doeu. Enfim, foi uma experiência agradável e fiquei muito feliz por vivenciar a pescar bater raiz no mangue.

### **3.2 – Perfil dos entrevistados**

Para realização deste percurso contei com a ajuda de algumas pessoas da Aldeia Mãe Barra Velha e Aldeia Pará, para contribuir na elaboração deste trabalho. Pessoas que conhecem a tradição Pataxó, em específico a pesca no mangue com armadilhas antigas. Nesta pesquisa também há entrevista de pessoas em diferentes níveis de idade, meu objetivo não foi apenas procurar saber do conhecimento do ancião, mas também dos mais jovens que conhecem e praticam esta tradição. Com estas pessoas aprendi muito, mais do que esperava, o que aprendi carregarei e transmitirei para aqueles que não conhecem nossos costumes. Consegui muita informação através de conversas informais gravando, filmando, também em anotações no caderno. Participei de algumas atividades no mangue com jovens e mulheres. Destaco aqui os colaboradores que foram as fontes da minha pesquisa, e que por meio das suas vozes pude construir este trabalho. São eles:

#### **Arawê Pataxó**

Antônio Santana Ferreira, 62 anos, mora em Barra Velha, Porto Seguro/BA, desde sempre exerce uma profissão de pescador. Esteve muito presente aos costumes e tradições da aldeia e a luta do povo, principalmente na parte cultural, deslocava como representante da comunidade para outras cidades e estados do Brasil, dando palestras sobre a cultura Pataxó.

#### **Manoel Máximo**

Manoel Máximo, 86 anos, morador da Aldeia Pará, Porto Seguro/BA. Um ancião que conhece muito a história dos Pataxó, inclusive presenciou o “Fogo de 51”, um massacre que ocorreu em 1951 em Barra Velha, neste tempo em diante passou a morar na Aldeia Boca da Mata com sua mulher, onde teve seus 8 filhos. Sr. Manoel é um pescador que tem grande habilidade na pesca, por dá valor a esta atividade, transmite seus conhecimentos a filhos e netos. Ancião guerreiro que não deixa de lado seus costumes e cultura do seu povo.

#### **Xorró Pataxó**

Cosme Braz dos Santos, mora na Aldeia Barra velha, Porto Seguro/BA. É um universitário da UFMG/FaE/FIEI, contribui na parte administrativa da Escola Indígena Pataxó de Barra

Velha, desde sempre esteve por dentro dos acontecimentos da aldeia, dá valor as práticas culturais, costumes e tradições da comunidade.

### **Criscia dos Santos Nascimento**

Criscia dos Santos Nascimento, moradora da Aldeia Barra Velha, Porto Seguro/Ba, é professora, jovem ativa nas tradições culturais, dá muito valor as histórias de lutas, resistência e sobrevivência do povo da aldeia, em especial aos anciãos. Desde pequena procurou estar por dentro dos costumes Pataxó.

### **Outros colaboradores: conversas enriquecedoras**

Em outros momentos tive horas marcantes com pessoas da própria aldeia como: Maria Aparecida dos Santos Gomes, Juacy dos Nunes e Gilmar (Aldeia Bugigão), estes disseram e contribuíram bastante, transmitindo seus conhecimentos relacionados a pesca no mangue, não disseram sobre o mangue, mas também citaram outros costumes da aldeia.

### **3.3 – Apresentação das armadilhas**

Para os Pataxó da Aldeia Barra Velha, existem épocas adequadas para cada tipo de pescas no mangue, por exemplo, o mês, a fluência da lua, a maré, até mesmo o horário. A lua para nós Pataxó tem uma importância muito grande, não só para a pesca, também para o plantio, artesanato e outros.

Em Barra Velha atualmente, há pessoas que tem grandes conhecimentos na área da pesca no mangue, muitas conhecem e praticam, mas não é como as pessoas que antigamente faziam, ou seja, como os mais velhos. Na aldeia, há jovens que têm ou conhecem algumas armadilhas e sabem manuseá-las, mas nem sempre usam tais práticas.

Neste tópico, apresentaremos cinco armadilhas, exceto o da rede de tucum, como é também antiga, não obtive informações profundas e pessoas que relatasse sobre ela, por este motivo não detalharei.

As outras armadilhas foram selecionadas a partir das entrevistas. Foram selecionadas para este trabalho por serem armadilhas muito antigas e tradicionais do povo Pataxó, que quase não são realizadas nos dias atuais. Na apresentação de cada armadilha faremos uma descrição de cada uma delas, apresentaremos uma ilustração e também falas dos entrevistados explicando como elas funcionam, como são utilizadas.

#### **3.3.1 - CAMBOA**

Há vários tipos de armadilhas que são usadas no mangue, algumas são basicamente desconhecidas por crianças, jovens e adultos, a camboa por exemplo, é uma delas. Uma armadilha antiga e tradicional do Povo Pataxó, a camboa (figura 13) tem a capacidade de pegar peixes quando armada na maré preamar e retirada na maré baixa. É preciso esperar a maré secar para poder tirar os peixes que ficam presos dentro da camboa, ou seja, quando a maré for baixando é hora exata em que os peixes estão entrando na armadilha.

**Figura 13:** Desenho ilustrativo da armadilha camboa



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

A camboa é uma armadilha de madeira, era feita de ripas de juçara ou de embira, com essas ripas fazia os tapasteros e o restante do corpo da armadilha; tapastero é o nome dado as duas laterais da frente da camboa. O chiquero é a parte da camboa onde os peixes iam ficar presos, segundo um dos entrevistados esta armadilha era usada por pessoas que não tinha rede. Nesse sentido, nos dizem os entrevistados o Sr. Arawê e em seguida Xorró:

*A camboa é um seguinte, é... sobre a camboa, é uma armadilha dos antigos, dos índios que não tinha... assim rede, né? Eles pegava tapastero, faziam tapastero, que era ripa de juçara ou ripa de embira. Fazia aqueles tapastero de duas braças e meia... e aí fazia a camboa, porque ali armava no rio... Tapastero é tecido como se tece uma esteira... Chiquero é onde os peixes vai entrar e ficar ali (Arawê)*

*Assim, pelo que eu sei, uma que chama tapastero, ou seja, também a camboa, né? Que os Pataxó faziam essa armadilha com uma madeira de uma palmeira, que chama juçara da mata, fazia tipo um tecido para ficar igual uma esteira, várias esteirinhas. Então chegava num riacho no mangue, né? Eles faziam tipo um caracol, um cercado dentro d'água com essas esteirinhas, tipo um labirinto mesmo, para quando os peixes descer ficarem ali dentro, presos. A intenção da camboa era essa... (Xorró).*

Os Pataxó de antigamente, na maioria das vezes, esperava a noite para realizar a pesca com a camboa. No mangue à noite, era difícil perceber, quando a maré secava para retirar os peixes, por isso eles tinham algumas técnicas para saber se a maré estava seca ou não, por exemplo, jogava uma folha no riacho, se ela ficasse parada estaria seca ou cheia e

se movimentasse estaria secando ou enchendo. Para colocar a camboa no riacho, era necessário mais de uma pessoa.

A característica da camboa tem tamanhos variados, contém apenas recursos do mato, ou seja, é feita de ripa de juçara ou de embira. Sua estrutura é quase idêntica a um balão.

Nos dias atuais não se usa esta pesca como usava antigamente, porém se fosse realizada, usaria rede de pesca, pois seria um material apropriado.

### 3.3.2 - PESCA COM APUÇÁ

Apuçá é uma armadilha que serve para pegar siri no mangue e foi bastante usada pelos Pataxó. Nos dias atuais ela é mais conhecida como siripóia. O apuçá é construído com rede de pesca e arame ou cipó (figura 14).

**Figura 14:** Armadilha apuçá ou siripóia



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

A entrevistada Críscia nos disse mais sobre as características da siripóia:

*Antes quando a gente ia no mangue, mim lembro que meu pai levava a siripóia, que é para pegar o siri, esse objeto é tipo um círculo de cipó ou de arame, no fundo tem tipo uma rede, que põe dentro uma isca, pedaços*

*de mariscos, restos de peixe. O siri ver e entra dentro da redinha e a pessoa pega. (Crísacia).*

Ainda se usa o apuçá ou siripóia como armadilha, mas nem tanto como antes, de vez em quando pouquíssimas pessoas da Aldeia preferem levar esta armadilha para o mangue, pois ver nele a facilidade em pegar siri.

Para pegar siri, os Pataxó também têm outras técnicas, além do uso com a siripóia, outro meio é com bicheiro, este material é um instrumento de ferro, ele tem uma ponta curvada, este instrumento facilita na captura do marisco prendendo suas pernas (figura 15). Atualmente é considerado o mais utilizado no mangue para pegar siri.

**Figura 15:** Bicheiro utilizado para capturar siri



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

Para pegar siri de raiz vai à fluência da lua, neste caso quando a lua faz o quarto crescente a minguante na maré morta, maré morta para o povo Pataxó é quando os riachos (parte do rio com pouca movimentação de água), não secam e nem enche, vale tanto para o mar quanto para o mangue, ou seja, com a fluência da lua o rio fica em um nível de água moderado, como nos diz o entrevistado Xorró:

*Tem um tipo de siri, que chama siri de raiz, que fica mais na parte da lama no meio das arvores, uma época ideal pra pegar ele, a gente observa a lua, quando a lua faz o quarto, quando está no quarto crescente a minguante... Esta pesca é bastante feita. (Xorró)*

Para pegar o siri com o apuçá é necessário a hora da maré, neste caso, na maré enchente (mudança da maré baixa para maré alta). Meu avô Manoel Máximo conta que é só colocar a armadilha no rio na maré enchente e esperar de 5 a 10 minutos que tem muitos siris na armadilha.

A siripóia fica armada no fundo do rio, encostado no chão. A isca usada para capturar o marisco fica alojada na rede, pendurada no arame ou roda. Quando a pessoa percebe que o marisco está dentro da siripóia, levanta com rapidez a armadilha de dentro da água para fora (figura 16).

**Figura 16** - Desenho ilustrativo siripóia com siri



**Fonte:** Arquivo pessoal Anaian

### 3.3.3 - PESCA COM MANZUÁ

O manzuá é uma armadilha feita de cipó, ela pode ser feita de diversos tamanhos, sua função no mangue é pegar moreia na lama. A característica do manzuá é retangular, é construído de cipó e possui duas entradas. Uma entrada é por onde o peixe passa para comer a isca que fica alojada dentro dela, o peixe entrando não consegue sair, a outra é por onde tira o peixe (figuras 17 e 18).

**Figura 17:** Armadilha manzuá



**Fonte:** Arquivo pessoa da autora

**Figura 18:** Armadilha manzuá parte por onde o peixe entra



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

Para pescar a moreia com esta armadilha é necessário na maré enchente, colocando o manzuá de frente para o rio. Também é preciso muita paciência para a moreia pressentir o odor da isca e entrar no manzuá. Pela razão da demora, algumas pessoas preferem deixar o manzuá de um dia para o outro colocado sobre a lama, alguns preferem colocar nos riachos.

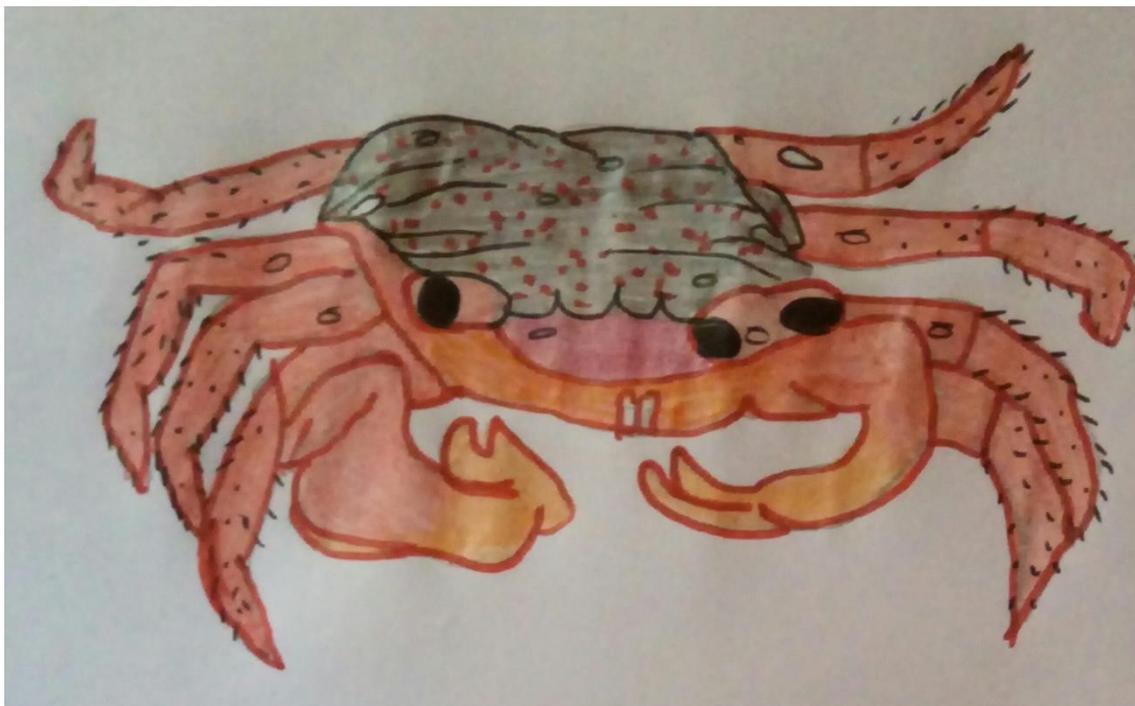
Com o passar dos tempos varias armadilhas antigas tradicionais foram substituídas, neste caso o anzol veio para substituir o manzuá facilitando para muitas pessoas na hora da pesca, assim foram deixando de lado o manzuá, atualmente são bastante conhecidos pelos anciãos e alguma pessoas mais novas.

### **3.3.4 - PESCA COM PANO VERMELHO**

Os Pataxó que iam ao mangue antigamente perceberam que a cor vermelha chamava bastante a atenção do aratu (figura 19); por perceber esta ação, pensou em usar a técnica em pegar aratu com pano ou fita vermelha.

Para capturar o aratu não tem tanto mistério como em outras pescas, por exemplo, não é necessário a fase lunar.

**Figura 19:** Desenho ilustrativo do aratu



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

O aratu era pescado da seguinte forma: a pessoa ficava em cima da raiz do mangue com uma vasilha lata ou samburá (cesto de cipó), esses objetos serviam para colocar o marisco. Segurando o pano vermelho a pessoa tinha que deixar pendurado até a lama, e se preferir assobiava, diz varias pessoas da aldeia que o assobio e a cor vermelha atraem o aratu, como nos diz a entrevistada Críscia:

*Eu ouvia meu avô falar que antes a pessoa ficava com um pano vermelho em cima da arvore, assobiava e os aratu vinha em direção, atraídos pelo pano e assobio. (Criscia)*

Naquele tempo era muito importante assobiar parar pegar aratu, pois achava que o assobio também o atraía. O aratu quando se aproximava agarrava o pano ou fita, neste momento colocava na vasilha (figura 20).

**Figura 20:** Desenho ilustrativo aratu agarrado ao pano vermelho



**Fonte:** Arquivo pessoal Anaian

### 3.3.5 - BATER RAIZ

Bater raiz é uma prática que os Pataxó têm, esta prática consiste em capturar peixe com tarrafa nos riachos do mangue. Para a realização desta pesca e ter um bom resultado, é necessário o tempo ideal, como horário, maré e a fase da lua, ou seja, para bater raiz no mangue, o ideal seria quando a maré estiver baixando, na lua cheia.

Nesta pesca é preciso silêncio, agilidade e ter duas ou mais pessoas, pois ficam com a tarrafa aberta aos pés da raiz, esperando a pessoa que vem espantando os peixes do lado contrário. O entrevistado Xorró nos dá mais detalhes sobre o uso dessa armadilha:

*A gente abre a tarrafa que é uma espécie de rede. Um colega vai nos cantos do mangue e vai batendo com a vara do lado contrário para espantar os peixes, enquanto o outro lado a rede fica aberta, e aí vai batendo com a vara espantando os peixes pra eles cair dentro da rede. (Xorró)*

Para espantar os peixes é utilizado um galho de árvore (figuras 21 e 22). A rede que é utilizada na pesca tem que estar bem próxima a raiz do mangue, pois é nas raízes que eles ficam localizados na maioria das vezes.

**Figura 21:** Pesca bater raíz



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

**Figura 22:** Pesca bater raíz



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

### 3.3.6 - REDE DE TUCUM

O tucum é uma palmeira que dá em lugares úmidos, como nos brejos. Em Barra Velha antigamente o tucum era muito utilizado, na confecção de linha para o colar de sementes e algumas pessoas tinham outras utilidades usando o fio extraído da folha do tucum que também servia para pescar (figura 23).

Antes da rede de náilon ser bastante utilizada na aldeia, algumas pessoas naquele tempo usava o fio da folha do tucum para pesca. A produção da rede era feita usando técnicas de costura, como nos tempos atuais, ou seja, emedava fio a fio, até ficar idêntico a uma rede de náilon. A rede de tucum era muito resistente, pois durava bastante tempo.

**Figura 23:** Fio extraído da folha do tucum



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

## CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve início no primeiro semestre de 2016. O objetivo geral da pesquisa foi relatar a história dos Pataxó, suas práticas culturais no mangue, em especial, as armadilhas tradicionais e as técnicas em lidar com elas para pesca no mangue. Especificamente, objetivamos conhecer as armadilhas, acompanhar e participar da construção de armadilhas e acessar conhecimentos da comunidade sobre a importância do mangue para as práticas cotidianas e rituais.

Entrevistei anciãos e pessoas mais jovens que lidavam com a pesca no mangue. Primeiramente coloquei no papel o que iria utilizar nas entrevistas, por exemplo, gravador, câmera fotográfica e outros. Em relação aos entrevistados, procurei-os, tive uma conversa antes de tudo, expliquei meus objetivos e perguntei se poderia contribuir para eu dar início a minha pesquisa.

A facilidade que encontrei neste trajeto de pesquisa, primeiramente foi por conhecer os entrevistados, porém com alguns deles foi difícil de dialogar, até mesmo por serem anciãos. Com essas pessoas procurei usar palavras mais conhecidas por eles. No início foi um pouco complicado, mas a medida que o tempo foi passando nossas conversas foram se ajeitando. Não foi fácil encontrar alguns desses anciãos, mesmo com hora marcada.

Por outro lado, tive a oportunidade de presenciar a construção de uma armadilha tradicional Pataxó com um dos anciãos, pude perceber os detalhes da armadilha.

Uma sensação inesquecível e boa neste trajeto foi o convite que recebi de uma parente para ir ao mangue pegar marisco (figura 24), ela não foi uma das quais eu entrevistei, porém em um momento de conversa, me transmitiu o conhecimento da pesca bater raiz.

Nessas ocasiões, pude conhecer as armadilhas tradicionais do povo Pataxó e aqui descrevi suas características. Duas dessas armadilhas, camboa e siripóia, são colocadas diretamente no rio, já o manzuá, bicheiro e o pano vermelho são colocadas na lama. Cada uma tem seu tempo, se é de dia ou noite, maré seca ou cheia, também o período lunar.

Algumas dificuldades que vivenciei estavam relacionadas às imagens das armadilhas, porque algumas são antigas e não havia fotos e nem um exemplar para fazer o registro. Outras tinham fotos, mas não sabia como colocar as informações no papel.

Com base na minha pesquisa, considero que consegui alcançar quase todos meus objetivos, não totalmente, pois não obtive informações da pesca com rede de tucum, este estaria relacionado ao conhecimento de algumas armadilhas. Não é qualquer pessoa que conhecia ou soube falar profundamente desta armadilha, citei no trabalho, porém não foi abordado com a clareza que eu queria.

Para mim foi uma grande alegria trabalhar com essas pessoas em especial com os anciãos. Conheci um pouco mais as dificuldades encontradas, os desafios que eles enfrentaram, a coragem e o amor em viver realizando com alegria tais atividades no mangue.

Com base nesses conhecimentos e outros, o mais importante nisso tudo é que ficará registrado no papel e na memória o relato de algumas armadilhas. Com este registro poderei falar das histórias do meu povo com mais facilidade, admiração e emoção para comunidades nas escolas Pataxó e curiosos de outros lugares que não conhecem as práticas de pescas do nosso povo.

Este trabalho foi realizado também com intuito de dar seguimento a outras novas pesquisas relacionadas a armadilhas tradicionais em Barra Velha e em outras comunidades Pataxó, sabemos que o povo Pataxó é um povo que carrega grandes habilidades que estão escondidas.

Em relação ao tema de percurso, a contribuição que tive para minha formação foi a curiosidade de entender algumas armadilhas, porém não sabia dizer detalhadamente sobre elas, a partir de quando passei cursar o FIEI, despertou-me o interesse de conhecer as histórias do nosso povo, pesca no mangue armadilhas tradicionais Pataxó. Com base neste trabalho, para a minha futura atuação como futura educadora indígena, terei o privilégio de trabalhar em cima desses conhecimentos nas escolas Pataxó, levando o registro e argumentando com facilidade a tradição da cultura Pataxó.

Outras pesquisas que poderiam dá seguimento a esta, seria aquelas que relatassem as armadilhas dando continuidade e fazendo o registro de outras armadilhas ou pescas desconhecidas.

O retorno que daria a comunidade seria apresentação deste trabalho para toda a aldeia, que assim todos conhecessem. Para o trabalho na escola, através da pesquisa poderia elaborar materiais didáticos extraídos desta pesquisa, por exemplo, na produção de cartilhas, tendo as imagens das armadilhas e a construção das mesmas, trabalhando com as disciplinas matemática, história e arte.

**Figura 24-** Momento aprendizagem



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, T.M.; PINHEIRO, M.B. (Orgs.). **Aragwaksã**: Plano de Gestão Territorial do povo Pataxó de Barra Velha e Águas Belas. – Brasília: UNAI/CGMT/CGETNO/CGGAM, 2012. 109 p.

FVMNR – Fundação Vovó do Mangue – Natureza de Raiz. **Manguezais**: Berçários Marinhos, [s/d]. Disponível em: <[vovodomangue.org/site/meio-ambiente/manguezal/](http://vovodomangue.org/site/meio-ambiente/manguezal/)>. Acesso em 10/12/2016.

GUEDES, I.S. **Pesca artesanal**: pescadores Pataxó no território Resex. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.

## APENDICÊS

### APÊNDICE A: CONVERSA COM MANOEL MAXIMO – ANCIÃO

#### TEMA: ARMADILHA MANZUÁ

O manzuá é uma armadilha antiga do povo Pataxó, segundo meu avô ela é desde o tempo do seu pai. Na visão dele o manzuá é pouco reconhecida pelas pessoas da aldeia, principalmente aos jovens.

Atualmente ele com 87 anos, conhece esta armadilha desde os 18 anos que faziam com seus irmãos e sabe como capturar alimentos do mangue com ela. Seu Manoel confecciona o manzuá e as vezes vende para algumas pessoas das comunidades ao redor é feito de cipó, tem tamanhos variados de 3 a 5 palmos de comprimento, 2 a 3 de largura e assim vai.

Devido sua idade hoje ele já não vai mais no mangue fazer esta atividade, mas tem vontade de ir, porém sua mulher e seus filho não permite.

Depois dele ter me falado um pouco sobre a armadilha, ele me chamou para ver o manzuá, me explicou em detalhes como ele é armado no mangue.

Fomos ao local e lá estavam 3 tipos de armadilhas, a primeira que ele apontou foi uma de pescar siri, esta é uma das armadilhas mais “recente”, pois suas características eram de alumínio (rodeira de bicicleta, com um pau atravessado no meio) e linha de pescar (um pedaço de rede), esta armadilha é usada no mangue, foi uma técnica que foi usada e com certeza teve um grande valor para capturar o marisco... me falou que tem que colocar a isca na redinha e deixar no fundo d`água para o siri entrar.

Logo em seguida seu Manoel apontou pra as outras armadilhas que estavam penduradas no pé do dendê, pegou um caju (nome da armadilha), então falou como é colocado a isca nele para atraí os peixes, só que esta armadilha é própria pra o rio, então eu perguntei se no mangue usava o caju também, ele disse que não, aí ele falou que o outro que se usava no mangue, o manzuá que servia pra pegar moreia (peixe do mangue).

O manzuá tem duas entradas, com base na explicação que me deu da armadilha anterior (caju), eu demostrei pra ele o que tinha entendido, se era ou não daquele jeito, então ele afirmou que sim, ou seja coloca a isca na entrada do fundo, é uma entrada pequena, a isca é pedaço de caranguejos e até mesmo lascas de peixe amarrados na parte superior do manzuá.

Seu Manoel disse ainda que esta pesca pra ser feita é preciso muita paciência, pois não é de qualquer jeito que se arma o manzuá, além disso não é da hora pra outra que o peixe vai cair nela, o melhor seria se deixar de um dia pro outro, assim teria mais moreia presa lá dentro. O modo de pesca da moreia com o manzuá é muito diferente porque a armadilha é feita na lama, pois esse peixe habita num lugar que tenha água e lama. Cava um pouco da lama perto da maloca do peixe, e espera que o peixe seja atraído pelo cheiro da isca.

Enquanto meu avô falava sobre esta prática, minha avó dizia que há muitos tempos atrás em Barra Velha não faltava alimentos para as pessoas, muitos sobreviviam da pesca, agricultura, criação de animais, segundo ela aquele tempo era muito agradável. Ela citou sobre o mangue, falou que os parentes entravam no mangue e conheciam cada ponto, todos saíam com seus alimentos, aqueles que eram mais experientes na caçada andavam com os que estavam em fase de aprendizado, como por exemplo os jovens.

Minha avó conta que a juventude hoje não faz o que os de antes faziam e nem conhecem muitas técnicas, atualmente é raro encontrar pessoas que queiram saber das histórias vividas pelos mais velhos.

## **APÊNDICE B: ENTREVISTA COM ARAWÊ (ANTÔNIO)**

### **TEMA: CAMBOA**

#### **Introdução**

No dia 22 de junho de 2016, eu Karini fui pela manhã na casa do sr. Antônio (Arawê), quando cheguei em sua casa, perguntei a filha por ele e foi chamar o seu pai, quando ele chegou cumprimentei-o. Em seguida falei o motivo de estar a sua procura, porque eu era estudante da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, estava ali para realizar com ele uma pesquisa sobre pesca no mangue (as mais antigas). Fiquei um pouco nervosa naquele momento, porque algumas pessoas me diziam que para chegar e conversar com ele sobre a comunidade de Barra Velha tem que saber iniciar uma conversa, tive que controlar meu nervosismo e assim foi... continuei falando e citei sobre a camboa, que era uma pesca que os Pataxó realizavam no passado, eu queria saber se ele sabia dela... pronto! Ainda prossegui dizendo que eu queria registrar essas pescas menos conhecida na aldeia, por isso que estava à procura de pessoas que soubesse me informar sobre ela e outras. Então seu Antônio falou que sabia dela, só que naquele momento estava ocupado e não podia me falar nada, então perguntei se ele podia me dizer dela em outro dia, ele disse para eu ir mais tarde lá novamente.

Às 5h fui de novo lá... cheguei... ele já estava me esperando, então fomos para debaixo de um pé de caju... eu perguntei se podia gravar nossa conversa... ele disse que ainda não, que queria me dizer antes algumas coisas.

Arawê falou que antes outros estudantes tinham ido à sua procura saber sobre algumas coisas... algumas pessoas souberam chegar até ele, souberam conversar, até mesmo o respeito que demonstraram no momento, e outras não.

Então me parabenizou pelo início de conversa que tive com ele.

#### **Momento do diálogo**

##### **Arawê**

Meu nome é Antônio Santana Ferreira mais conhecido aqui pelos nossos parentes de Arawê, que significa ritual. Fui o primeiro representante que representou a cultura Pataxó em vários lugares do Brasil... tenho 63 anos, sou pescador... desde pequeno faço essa atividade... né? De pescar... eu aprendi com meu pai... não sei ler nem escrever... mas...

graças a Deus nunca passei fome... nasci e cresci aqui na minha velha aldeia... então vamos lá... a camboa é um seguinte: ... é... é... Sobre a camboa, é uma armadilha dos antigos... dos índios que não tinha... assim rede né? Aí eles pegavam tapasteros... faziam tapasteros, que era de ripa de jussara ou ripa de imbiriba, faziam aqueles tapasteros de duas braças, duas braças e meia... e aí fazia a camboa, porque ali armava no rio... eu cansei de fazer isso.

Karini: É né? Tapastero? Como é que é o nome?

Arawê: O nome é tapastero...

Karini: ham... tapastero... e como é que é esse tapastero?

Arawê: Tapastero é tecido como tece uma esteira...

Karini: Hum... a é?

Arawê: tecido com cipó ou piaçava... com piaçava aguenta mais... e o cipó não aguenta... aí faz os tapastero e tampa os riachos... tem que ser na maré né?

Karini: que maré é?

Arawê: quem nem agora... agora é maré de lançamento... que fecha riacho a meia noite, e as 5 da manhã despesca, porque a maré tá seca. Mas faz a camboa com chiqueiro... com chiqueiro de sanga.

Karini: chiqueiro?

Arawê: chiqueiro é onde os peixes vai entrar e fica ali... de maré seca a gente vai pescar e tá ali preso... não sai.

Karini: e como é esse chiqueiro seu Antônio? É tipo uma rede?

Arawê: esse chiqueiro ele é assim óh (*desenha no chão*) ... ele é redondo... ele é redondo assim... o chiqueiro é assim óh... aqui é a sanga óh, é mais de um palmo, uns 30 centímetros... aqui é uma sanga, ela abre e fecha... aqui é a armadilha do riacho... aqui tudo é tapastero... aqui é tapastero, aqui é tapastero os dois lados né? Aqui tem outra corrida aqui por dentro... aí o peixe entra aqui e fica sem poder sair... aqui é uns paus, aqui é outro (*para de desenhar*) ... e fecha o rio, coloca a armadilha na maré preamar e tira na maré seca.

Karini: é de noite que fecha o rio né? E de dia?

Arawê: É... é de noite... faz de dia também, mas de dia o pescado não é bom não. O bom é quando está com vento sul... que dá aquele vento quando as tainhas começam *pirapora pirapuã*... tá na hora de fechar, a maré preamar... né? Aí tá o rio né? Você tá no mangue a noite, joga uma folha e se ela tiver parada é porque a maré tá seca... porque naquele tempo não tinha luz aí fazia assim...

Karini: e... essa armadilha é grande seu Arawê? É do tamanho dessa casa aí?

Arawê: é... Mais, mais... é grande, dependente da largura do rio... depende do rio e do riacho.

Karini: De que tempo é essa armadilha? É tão antiga assim?

Arawê: é do tempo do meu bisavô...tataravô... eu fiz muito com meu pai.

Karini: o sr. fez alguma vez com seus filhos?

Arawê: meus filhos não sabem fazer não... eu cansava de fazer mais meu pai... hoje em dia se eu for fazer, eu faço de rede agora... de rede agora. Hoje em dia ninguém faz mais essa pesca, as coisas mudaram, naquele tempo, as pessoas iam no mangue pegavam seus alimentos... traziam para suas famílias, ninguém achava difícil de ir no mangue, hoje se não tiver um carro ou uma rede, anzol ninguém vai, e quem quer ir lá da comida a maruim (mosquito)? ... porque será? Porque de lá também que tirava o mangute (comida) as coisas mudaram, hoje tem supermercado aqui dentro... só precisa de dinheiro para comprar... o dinheiro, as pessoas têm, mas não arrumava como antes.

Eu aprendi com meu pai, esta pesca é feita com 2, 3, 4, 5 pessoas.

## **APÊNDICE C: ENTREVISTANDO JOVENS**

**ENTREVISTADA: CRÍSCIA SANTOS NASCIMENTO**

**TEMA: SIRIPÓIA**

### **Na sua visão como é a relação dos jovens com o mangue?**

Eu vejo que os jovens vão ao mangue mais por diversão, vai a passeio quando seus pais vão tirar marisco e às vezes comer carne, frango enjoa e tem a vontade de comer o marisco, então para mudar o cardápio é bom, então por sermos criados assim acompanhando nossos pais desde criança no mangue, sentimos as vezes a vontade fazer esta atividade nos finais de semana, porém antigamente a ida ao mangue era mais frequente por jovens.

Como hoje na aldeia tem o luau, então vem pela escola e comunidade em tempo de lua cheia realizá-lo. E vai uma turma de alunos e professores para o mangue capturar alguns mariscos e bater raiz pra pegar o peixe, todo mês tem essa atividade na aldeia. Mesmo não tendo frequentemente a ida dos parentes no mangue, nunca deixamos nossa tradição de lado.

### **Você pratica alguma pesca no mangue?**

Eu até posso dizer que até aprendi pegar todos mariscos que tem no mangue, mas o que eu mais gosto de pegar é tirar concha, que desde pequena acompanhei minha avó, que ela gosta muito de pegar concha, meus pais também, então eu via ali e ia aprendendo, todos mariscos que tiver no mangue eu pego sim.

### **Quais eram os materiais que você utilizava no mangue?**

Olha na lama eu gosto de tirar concha, tem ela no rio e tem ela na lama. Porque a do rio pega com pé, vai mexendo o pé na terra até encontrar ela, agora na lama não, na lama é com o facão, vai enfiando o facão na lama, quando você triscar o facão nela você quando encontra a concha. Esta técnica aprendi com minha avó.

**Você conhece alguma pesca antiga que hoje não é mais praticada na nossa comunidade?**

Eu conheço da siripóia, que antes quando a gente ia ao mangue me lembro que meu pai levava a siripóia, que é para pegar o siri, esse objeto é tipo um círculo de cipó ou de arame, no fundo tem tipo uma rede, que põe dentro uma isca pedaços de mariscos, resto de peixe, o siri ver entra dentro da redinha e a pessoa pega. Também tem a pesca do aratu, que antigamente eles faziam uma isca, a pessoa ficava em cima do pé da árvore no mangue assobiando para atrair o aratu, hoje para pegar o aratu não é mais do modo antigo, hoje as pessoas pegam a lama e lançam sobre ele, as vezes consegue e as vezes não.

#### **A pessoa ficava com um anzol para pegar o aratu?**

Não, é tipo uma cordinha... tipo uma pindaíba, só que ali tinha uma corda amarrado com uma isca, pedaço de outro caranguejo, a pessoa fica tipo como se pesca, só que não tinha anzol e era só a isca amarrada, então a pessoa assobiava e o aratu era atraído pelo assobio e grudava na isca e a pessoa pegava e colocava na lata. E eu ouvia meu avô falar que antes a pessoa ficava com um pano vermelho em cima da árvore assobiava e os aratu vinha em direção atraídos pelo pano e assobio. O recipiente que se colocava o aratu era no samburá, saco.

#### **Como era armada a siripóia?**

Era colocada dentro da água na beira do rio, onde desse para ver o siri entrar dentro da siripóia.

#### **Desde de que idade você começou a ir ao mangue?**

Que eu me lembro é desde os 5, 6 anos, sempre ia no mangue, hoje vou fazer 23 anos. Fico feliz pelo pouco de sabedoria que carrego.

**ENTREVISTADO: XORRÓ (COSMO BRAZ DOS SANTOS)****TEMA: PESCA NO MANGUE**

Combinei com Cosmo a entrevista, como ele é um dos jovens que tem um grande conhecimento do mangue, escolhi ele para ser um dos meus entrevistados. Como estava tudo combinado, ele se apresentou.

Meu nome é Cosmo Braz dos Santos Filho, tenho 31 anos e nasci em Barra Velha. Então... minha experiência começa no mangue, as práticas de pesca começam desde criança, inclusive assim... aprendi com meus pais e também com outras pessoas da comunidade que iam fazer as práticas de pesca no mangue, aí aproveitava a oportunidade e a curiosidade de tá aprendendo, por gostar também eu ia muito com eles. Com o passar do tempo, né? E toda essa trajetória, eu fui adquirindo conhecimento e fui gostando cada vez mais dessa prática, né? E com isso a gente vai com outras pessoas e aí aprendendo mais... e assim... cada ida que a gente vai, tem uma lição do que que ocorre lá, porque a gente não vai no mangue só por ir né? Claro que a gente vai lá também muitas vezes pra pegar o marisco o peixe pra nossa sustentação né? E, antes essa forma de pesca era mais abundante na nossa comunidade Barra Velha, porque assim... era difícil o recurso para comprar outros tipos de alimentações, então o mangue era a forte fonte de subsistência de acordo veio a nossa história... e que fortaleceu essa questão aí, nossa questão indígena de Barra Velha, como eu falei, assim... a gente... eu hoje predomino bastante as práticas lá eee... como a pesca, assim... cada parte lá a gente tem um pescar diferente né? Tipo assim, você vai catar uma concha né? Ali, usa uma ferramenta diferente, tem que saber a maré, que fluência bastante, a lua tem um papel muito importante dessa pesca no mangue, agente que vai aprendendo aos poucos principalmente com os mais velhos que são experiente, a gente vai adquirindo esses conhecimentos né?... Assim como eu citei a questão da pescada de concha, também tem outros, a pesca do caranguejo. Assim, um tipo de pesca que eu mais gosto até hoje, que eu sempre faço com meus colegas é a de **bater raiz**, bater raiz no mangue, que é a pesca que a gente faz com tarrafas né? no mangue, eee... aí reúne grupos, colegas, de amigos... e a gente ver a maré boa para pegar o peixe e vai, mas assim pra essa pesca tem todo um tipo de preparo né? Não sei se é viável tá falando assim passo a passo. Eu só vou falar um pouco dessa pesca de bater raiz né? A gente primeiro observa a lua né? E a maré se tá boa para a gente fazer essa pescaria, aí observa isso, agente convida os colegas né? E depois pega todo material que vai precisar lá né? Que geralmente são tarrafas, o saco né?

Facão, esses objetos aí que vai ser de precisão. Ao chegar lá a gente observa tudo e escolhi o mangue, porque lá em Barra Velha é assim... tem vários tipos de lugares né? De mangue, não só tem um mangue só assim a gente já vai naqueles lugares certos para fazer essa pesca... aí a gente chega né? E começa a fazer a pesca lá, que essa pesca geralmente a gente abri a tarrafa que é uma espécie de rede, um colega vai nos cantos do mangue e vai batendo, sempre vai batendo com a vara do lado contrário para espantar os peixes enquanto o outro lado a rede fica aberta, e aí vai batendo com a vara, espantando os peixes pra eles cair dentro da rede e quando cai na rede a gente percebe, não ver mais sente quando ele entra nela.

### **Pode me dizer se essa pesca é antiga?**

Isso, ela já tem um bom tempo né? Assim antigamente pelo que eu sei que os mais velhos contam, não tinha tanto o uso da tarrafa né? E até então ninguém tinha condição de comprar tarrafa e era mais difícil, aí eles usavam mais outro tipo de armadilha tradicional para poder pegar o peixe... e assim não sei quanto tempo essa pesca de bater raiz com tarrafa vem se prosseguindo, também acredito que ela não seja tão nova assim.

### **Você sabe me informar algum tipo de armadilha que era usada antes da tarrafa?**

Assim pelo que eu sei, uma que chama tapastero, ou seja, também a camboa né? Que os Pataxó faziam essa armadilha com uma madeira de uma palmeira que chama juçara da mata, fazia tipo um tecido para ficar igual uma esteira... várias esteirinhas, então chegava num riacho do mangue né? Eles faziam tipo um caracol, um cercado dentro d'água com essas esteirinhas, tipo um labirinto mesmo para quando os peixes descer ficarem ali dentro presos, a intenção da camboa era essa. Essa realmente é uma pesca tradicional e antiga.

### **Que tipo de pesca você não ver que é mais praticada?**

Essa camboa mesmo é uma, éee... assim foi deixada né? Ela hoje, para a gente dizer, não existe mais essa forma de pescar, eu acredito que com o ingresso de novas armadilha como a rede e a tarrafa, faz com que deixamos a nossa forma de pescar tradicional, eee... pela facilidade que a rede nos dá na pesca. Hoje a gente pensa na preservação da palmeira, ela em certas regiões não tem muito e falta né? Mas também pela facilidade de encontrar no fácil esses materiais que vem feito de fora. Mas assim, a gente não pesca só com isso né? E como eu citei antes no mangue, tem a pesca com a linha e anzol também né? Tem a pesca

do baiacu que é um peixe que os Pataxó, lá, gosta bastante e é um peixe que muitas pessoas tem cisma dele, pelo fato de ser um peixe bem venenoso, e assim, ele é venenoso, mas tem um a forma das pessoas tirarem o veneno dele pra poder comer ele, pois tudo isso tem que ter uma ciência de preparo. Também tem a pesca da moreia, a moreia é um peixe que dá mais na parte da lama, as pessoas tiram ela do buraco na lama, tira ela de braço ou de anzol e linha na maré cheia, aí tem a pesca do caranguejo, do siri também, o pessoal também pescam com uma armadilha chamada siripóia, ou sai pegando o siri dentro do mangue, geralmente em lugares que chama riacho, isso ocorre mais no período da lua, a lua indica pra agente que marisco vamos encontrar lá. Tem um tipo de siri, chama siri de raiz, fica mais na parte da lama no meio das arvores, que... é uma época ideal para pegar ele, agente observa a lua, quando a lua faz o quarto, quando está no quarto crescente a minguante, então essa maré é mais ideal pois sabemos que ao ir lá é na certeza que vai pegar ele, o siri na raiz. Essa pesca é feita bastante.

### **O que você ver a relação dos jovens com o mangue, a frequência deles?**

Os jovens hoje... assim como eu citei lá no início, a gente vai mais no mangue pra fazer uma pesquisa de escola, ou seja, mais por lazer, diversão, até mesmo quando quer comer um marisco, aí eu vou lá.

Mas assim hoje agente ver nos jovens pouca influência né? E é algo que não é tão positivo, pois faz parte da nossa cultura as práticas tradicionais no mangue, que é um mercado vivo e lá encontramos de tudo pra nos alimentar.

Hoje eu vejo os jovens assim, não tem muito interesse, a gente vai lá mais por pesquisa né? E como eu falei, a gente não está tão necessitado, assim pra pessoas que vivem no centro, agora aqueles que moram mais perto usam o mangue mais com frequência. Então hoje o que eu posso observar também, são algumas crianças né? Pelo fato delas estarem ali mais perto e tem um conhecimento maior que algumas pessoas mais velhas de lá, por estar diariamente ali, mas os jovens mesmo que poderiam estar mais fluentes.

### **As crianças que visitam o mangue, são só da aldeia mesmo ou de outro lugar?**

Aquelas que moram ali perto do mangue, da aldeia Bugigão e aquelas também que vem de fora visitar a ponta do Corumbau por ser um ponto turístico e fica perto do mangue. Pelo que dá para perceber é que ficam encantadas pela beleza natural e a biodiversidade que ele tem.

A atividade de pesca que as mulheres mais frequentam no mangue é a retirada de concha e siri, não é como antes como eu falei, mas ainda vão vemos a presença de algumas guerreiras lá.